

**NUNO ARANTES E OLIVEIRA**

Presidente e CEO – Alfama, Inc.
Membro da Direção do Health Cluster Portugal
Presidente da P-BIO – Portugal's Biotechnology
Industry Organization

Uma marca nacional para a Saúde

Independentemente das discussões e controvérsias que rodeiam o tema da Saúde, na grande parte dos países industrializados – quem paga, que direitos têm os cidadãos, qual o papel do Estado –, há um aspecto consensual: é necessário continuar a inovar em saúde. É preciso continuar a produzir os avanços tecnológicos que nos trazem, por exemplo, medicamentos melhores e mais baratos, dispositivos que melhoram a nossa qualidade de vida e aumentam a nossa autonomia, ou métodos de diagnóstico que evitam que venhamos sequer a adoecer ou a precisar de tratamento.

Ao longo das três últimas décadas a inovação tecnológica em saúde tem estado intimamente ligada a atitudes empreendedoras – à capacidade de cientistas e médicos lançarem novos projectos, e em particular novas empresas, que desenvolveram produtos revolucionários. O advento da biotecnologia como força económica mundial – ou seja, de empresas cuja actividade simultaneamente dá origem e se baseia em avanços nas ciências da vida – é isso mesmo: inventores e empreendedores que conseguem transformar avanços no conhecimento em produtos úteis, por vezes revolucionários, em particular aplicáveis à área da saúde.

A inovação técnica em saúde está por excelência aliada à geração de valor económico, para além dos benefícios sociais e humanos que acarreta. Os muitos milhares de empresas ligadas às ciências médicas e biológicas que surgiram desde meados dos anos 80 deram origem não só a novas curas e terapias, mas também a emprego – sobretudo emprego qualificado –, a propriedade intelectual, a conhecimento de ponta, à transformação desse conhecimento em bens que muitas vezes se tornam essenciais.

A Portugal interessa apostar na inovação em saúde, pois esta coloca-se na confluência de objetivos que devem ser desígnios nacionais: a promoção de atitudes empreendedoras, a ponte entre o conhecimento científico e as atividades económicas, a criação de emprego especializado, a capacidade de atrair investimento estrangeiro, a exportação de produtos de alto valor acrescentado, a projeção de uma imagem de modernidade e, é claro, a melhoria do bem-estar e da qualidade de vida das populações.

Para que haja mais empreendedorismo e mais inovação na saúde em Portugal é necessário criar condições para que as boas ideias não só surjam mas sobretudo cresçam. É necessário que a excepcional geração de cientistas que se doutorou nos últimos quinze anos tenha à sua disposição as ferramentas para transformar o seu talento em mais que ciência – em inovação.

Nomeadamente, é necessário capital inteligente. Mais que reinventar a roda, é assumir o papel de investidor directo na inovação. O Estado pode e deve, sem grandes custos, criar condições para que surjam atores privados, incluindo estrangeiros, peritos com provas dadas na área, que queiram investir na melhor inovação com origem em Portugal.

Mas deve-se também manter a todo o custo a aposta na ciência de base, das universidades e institutos. Independentemente dos avanços dos últimos anos, não haverá inovação tecnológica nem bons empreendedores se não houver uma aposta contínua e crescente na investigação médica e biológica. É preciso que as novas ideias saiam do sistema académico melhores, mais maduras e mais competitivas, para darem origem a novas empresas que despertem interesse global à nascença. E isso só se consegue investindo mais e melhor em ciência, nos cientistas.

É também necessário criar uma imagem, uma marca nacional que congregue a massa crítica que só como um todo o País consegue ter. Aí o sector da saúde tem dado bons exemplos, como é o caso do Health Cluster Portugal, ao reunir um enorme número das mais diversas instituições, juntas na missão de promover a inovação.

Inovar e empreender não são necessariamente os temas prioritários quando se discutem os desafios para a saúde em Portugal. Mas no cômputo geral das coisas – para além da crise e da austeridade, desta ou daquela ideologia, desta ou daquela geração – são esses os princípios que vão determinar a sustentabilidade e a competitividade da saúde em Portugal.